



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

21 de Maio de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1753
Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO
NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

NA última edição d'O GAIATO, transcrevemos uma passagem de Pai Américo, na qual falava de duas famílias cujos bens haviam sido «lambidos» pelo fogo, a quem enviou de imediato uma quantia em dinheiro para os salvar da situação de penúria em que tinham ficado. Dinheiro que lhe fazia falta para os seus trabalhos, mas dados na total confiança na Providência Divina.

Contou como nesse mesmo dia foi *ressarcido* desse valor, por meio de uma senhora e de seu filho que tinham vindo visitar a Casa de Paço de Sousa. E de como sentira, antecipadamente, que tal iria acontecer: «Vox Domini».

Connosco aconteceu algo parecido, recentemente, embora não fosse a nossa fé posta à prova, como foi a sua.

Tudo começou há já meia dúzia de meses, quando uma mulher, viúva de homem vivo, nos visitou acompanhada por seu Pároco e por uma vicentina local, pedindo-nos ajuda para resolver um problema de monta em que se encontrava: uma dívida nas prestações bancárias da casa em que vive com seus filhos, de que era totalmente responsável o dito homem, que os abandonara.

Perante o volume de dinheiro em dívida, disse-lhe que nada poderíamos fazer. Teria de procurar uma outra solução. De mãos vazias, foi-se embora.

Passaram-se os meses...

Num destes dias, foi posta em nossas mãos, uma considerável importância em dinheiro, destinada por vontade da ofertante, a mulheres viúvas.

Nesse mesmo dia, a atrás referida viúva de homem vivo, voltou à nossa presença, dizendo nada ter conseguido abater à sua dívida, antes tê-la visto aumentada pelos juros e mais mensalidades.

A nossa resposta não se fez esperar. Tudo logo ficou saldado, e esta mulher e mãe regressou a sua casa com novo alento para enfrentar a sua vida, ainda assim com uma cruz nada leve para levar.

Esta sociedade em que vivemos, é pródiga em criar sempre, novas situações dolorosas, difíceis de vencer. Se órfãos de pais vivos já conhecemos há muito tempo, viúvas de homens vivos é um fenómeno social que, embora sempre tenha existido, só muito recentemente adquiriu um volume considerável.

Não sei se há estudos nesta matéria, se calhar não interessa a ninguém saber, mas falem-nos disto os sociólogos porque são pequenas bombas que espalham muita dor.

Frequentemente somos abordados para colaborar em estudos, respondendo a inquéritos voluntariamente, sempre a baterem no mesmo ponto: as crianças institucionalizadas, seus sentimentos presentes e anseios para o futuro. Estudos que em nada ajudam a minorar dificuldades que estão na raiz dos problemas, nem em aliviar dores que importava evitar.

Como há pessoas formadas para esse efeito, e como os estudos poderiam ter alguma utilidade, para além de sabermos quantos somos e o que fazemos, era útil sabermos também quantas mulheres, e também homens, carregam sozinhos com enorme dificuldade, a parte da família que lhes ficou nas mãos devido à irresponsabilidade do morto-vivo que os abandonou, e à incapacidade dos organismos do Estado responsáveis de fazerem valer a própria lei.

E já agora outro, a talho de foice: porque se vão enchendo cada vez mais as prisões, de homens em idade juvenil? Nós não queremos atirar pedras, porque em todo o lado há telhados de vidro... Ou dito de uma forma mais pessoal: Quem não tem pecado que atire a primeira pedra... mas que também aqui algo vai mal, isso vai! □

PENSAMENTO

Pai Américo

A criança tem um grande sentido de justiça e compreende; e é justamente por isso que a maior força de desmoralização entre elas é a injustiça com que as tratam. □



João Paulo II, como o Bom Pastor!

O tempo pascal, principalmente este ano, está recheado de coincidências felizes; acontecimentos que revigoram a nossa fé e enchem de júbilo a alma humana. Para além da coincidência da Primavera, assinalam-se outras tão felizes como o Dia da Mãe, o Dia do Trabalhador, o Domingo da Divina Misericórdia, o Domingo do Bom Pastor, a Jornada de Oração pelas Vocações, o Mês de Maio e de Maria. Como corolário, a Beatificação de João Paulo II.

Semana a semana, estes eventos emolduram o mês de Maio. São acontecimentos verdadeiramente pascais acenando a que descobramos o rosto materno de Deus, tal como Jesus no-IO revelou. João Paulo II é um ícone do amor maternal de Deus que em boa hora a Igreja colocou, como "estrela polar" no Céu que todos buscamos. A sua vida encheu de esperança os corações crentes e tornou-se um referencial ético para toda a humanidade. A sua beatificação encheu de júbilo a humanidade inteira.

O seu pontificado está cheio de sinais deste amor materno de Deus, expressão do "Homem Novo". Mesmo

na sua velhice ou na doença assumida sem cosméticos, João Paulo II se mostrou "Homem Novo" exprimindo corajosamente o princípio pelo qual a sua vida sempre se regera: o espírito de filiação divina, em Cristo: "filho no Filho".

No coração de Maria aprendeu os contornos maternos do rosto divino — os que a humanidade procura, como menino ao colo da mãe, no meio de inseguranças e nebulosidades. Ele nos ensinou, de novo, a balbuciar, com renovada confiança a palavra Mãe: "Ave Maria cheia de graça..." Fátima foi sempre uma paixão do seu longo pontificado.

João Paulo II também foi um ícone do Bom Pastor, do amor de Jesus Redentor pela Humanidade. Como Jesus, não se fadigava de, por todos os meios, ir em busca da ovelha perdida, tratar da ferida, sem descurar a robusta... As suas viagens apostólicas, pelo mundo fora, aos lugares humanos mais inóspitos e aos mais emblemáticos e decisores testemunham-no. Sempre que o Homem

Continua na página 3

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Não tenhamos medo

A realidade humana tem um alcance extraordinário quando é vista como uma transparência de Deus, que Se fez Homem, crucificado e glorioso. Ele cura a humanidade dos seus dramas, para que a história seja lida do Seu lado, esperando contra a desesperança. *Deus não está nas nuvens, mas importa-Se com as coisas aqui de baixo.*

Não suporta a dor dos desvalidos e chama-nos aos lugares da profecia, em que a existência toca mais fundo o nosso coração e nos mostra o Seu Rosto. O Deus da promessa não falha, quando nos pomos a caminho, e é mesmo desconcertante.

Quando há pretensão em esta-

tizar a acção social, sem alarde, com asco às comédias mundanas e farsas verborreicas, chegou até nós, discretamente, das planuras do Tejo, com o rio largo a beijar-lhe os pés, a situação emergente de um adolescente temeroso, sem esperança concreta no horizonte.

A sinalização e mediação, persistente, partiu de uma docente, inquieta, cuja consciência lhe picava, por nada se conseguir avançar até esse momento.

Por uma desgraça familiar, restou a mãe da prole, com doença psíquica. Mesmo assim, não tem abandonado esse filho mais novo, já que os outros seguiram o seu rumo.

Habitados por um sentimento

entranhado de compaixão, num cubículo decrepito, mas arranjado, encontrámo-los pacatos e desanimados. A progenitora é confiante no Senhor e não será internada enquanto não houver quem se responsabilize pelo rapaz. Este mocito pareceu-nos a definhar, em termos nutricionais e de sociabilidade.

É verdade que o povo mais pobre, de recursos, é quem mais definha com os apertos de cinto e cortes, no dito Estado social. As rambóias crescentes e pagãs, transversais, do urbano ao interior, da *jet society*, relembram a decadência romana — *panem et circenses*. Apesar de tudo, esta situação económica é também uma contingência a procurar viver com pouco.

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

DOIS GRANDES VICENTINOS — Com a reorganização dos Conselhos de Zona resultante da fusão dos Conselhos Centrais do Porto “Feminino” e “Masculino” da Sociedade de S. Vicente de Paulo é uma boa altura para prestar aqui uma pública e merecida homenagem a dois grandes Vicentinos que deram o seu melhor ao serviço do que até ao momento dessa reestruturação foi designado por Conselho de Zona do Vale do Sousa Sul. Estamos a referir-nos aos confrades Agostinho Rodrigues e Fernando Melo. O primeiro serviu ininterruptamente neste Conselho de Zona desde a sua instalação. Nesse espírito de serviço, continua no agora Conselho de Zona de Penafiel para ajudar a recém eleita presidente, D. Maria Isabel Baptista, e os outros membros da sua equipa a quem aqui também saudamos. A paixão que dedica à actividade vicentina são um grande exemplo para todos nós.

Essa paixão também a tem ao seu jeito o confrade Fernando Melo, companheiro do confrade Agostinho Rodrigues em grande parte do tempo em que assumiram responsabilidades no Conselho de Zona do Vale do Sousa Sul. Com a reorganização recente passou para o território do Conselho de Zona de Paredes. Com isso, não nos deixou porque as fronteiras entre os conselhos de zona não são muros que separam os vicentinos. Somos tomos uma só família.

Para os dois aqui fica um muito obrigado e a expressão pública do muito apreço que por vós têm os Vicentinos da nossa conferência.

PARTILHA — Já há muito que não damos aqui conta das expressões de amizade que nos chegam todos os meses dos leitores que vão colaborando com o trabalho que fazemos. Que nos perdoem todos aqueles que aqui não referimos ao longo desse tempo. Vamos hoje fazê-lo para aqueles de quem nos chegou notícia desde o início do ano.

Da D. Maria Augusta, de Penafiel, vieram 20€. Da D. Maria Beatriz, do Porto, «com muita simpatia», chegaram 60€. Da D. Maria Luísa, da Régua, vieram 25€, porque «termos que repartir um pouco por todos». Da D. Maria João, de Paço de Arcos, veio um cheque, para dividir entre a nossa Conferência e as Casas do Gaiato de África. Da D. Luísa, de Vila Real de Santo António, veio um cheque, para dividir entre a assinatura do Jornal e a nossa Conferência: «com pena de não poder ajudar mais» por não ter «bens materiais para além da reforma». Da D. Lurdes, do Cacém, «sempre e enquanto for viva», chegaram, em Fevereiro 30€ e em Março, 35€. Da assinante 11531, de Mem Martins, vieram 100€. Do assinante 57558, do Porto, chegaram 200€, a dividir entre a assinatura do Jornal e a nossa Conferência.

Muito obrigado a todos.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MALANJE

Padre Rafael

Porque procurais entre os mortos O que está vivo

QUANTAS vezes me encontrei a procurar entre o que já morreu, o que um dia esteve vivo para mim. Quantas vezes a nostalgia e as recordações me paralisaram e imobilizaram fazendo-me parecer um morto entre os vivos. E perguntar-me-ão: — Quando sucedeu isso? Pois, sempre que aceitei que a realidade seria imodificável, quando não fui capaz de acreditar depois do fracasso, quando o medo e o egoísmo não me deixaram dar um passo. Contudo, há palavras que me pareceram vir de um anjo: «Ressuscitado, olha bem como desejaste tudo quanto crias morto definitivamente». Entretanto surgiu na sensibilidade o maior dos milagres: «Voltei a analisar as situações e vi que afinal de contas ainda havia uma possibilidade e essa possibilidade era eu mesmo».

Pepe, Zé-Pequeno e alguns dos médios, prepararam a fogueira durante a tarde, à espera que a noite caísse sobre a nossa Casa. A pouco e pouco, as pessoas das aldeias vizinhas aproximavam-se para celebrar a Páscoa. Algumas tiveram de andar mais de duas horas. Outros rapazes prepararam o jantar e aqueles que iam ser baptizados na Noite Santa.

Finalmente, todos reunidos em volta do fogo, começámos a Celebração. Depois da Bênção do Círio Pascal, acendemo-lo. Apenas nos podíamos ver uns aos outros; quando começámos a acender as nossas velas, demo-nos conta de que necessitamos de uma grande luz que venha de fora, ou que partilhe esta que temos conosco. O resultado é o mesmo.

Já na Capela, Quim pregou que Cristo está vivo e começámos a escutar pedaços da História da Salvação. Muitos viram reflectida nela a sua própria história. Uns, viram na Natureza a presença de Deus; outros, em seu exílio; outros, ainda, na sua escravidão. Todos procuraram um lugar escondido no passado, onde viram Deus presente. Os «Batatinhas», o que encontraram foi o lugar dos seus sonhos: os bancos da Capela.

A água foi benzida para nos recordar que todo aquele que morre será chamado a ressuscitar um dia. Cada dia morremos um pouco e podemos ver-nos, do mesmo modo, a ressuscitar um pouco. Toda a Criação está cheia de sinais de morte e ao mesmo tempo de ressurreição. Em cada sinal de morte se esconde a semente da ressurreição. Assim foi e será para muitas pessoas que se acercam da Igreja praticamente mortas e feridas. Foi quando baptizámos os nossos pequenos e o «Calibre».

Finalmente, celebrámos e alimentámo-nos de Jesus. Só Ele pode saciar tanta fome e sede de Justiça, Verdade, Amor, Liberdade... Tantas vezes procuramos e nos queremos alimentar em mesas equivocadas, e pagando, às vezes, o preço da nossa liberdade, da nossa paz, das nossas ilusões. Ele nos alimenta gratuitamente, para alimentar os outros gratuitamente. É o mistério da entrega por amor, com Mãisculas.

Na caminhada desta Páscoa, recebemos a notícia do falecimento do Padre Carlos. Não pudemos deixar de o recordar na Vigília Pascal. Para nós, ele participou em todo este mistério. Ele conviveu e se entregou à Obra que Deus colocou nas mãos do Padre Américo. Sua partida deste mundo, nos deixa cheios de saudade, mas em suas últimas palavras sentimos a força do Espírito Santo que nos diz: «E que a Obra continue...». Descansa em Paz Irmão. Continuará... □

Pelas CASAS DO GAIATO

MOÇAMBIQUE

Ir. Q.

MEU Deus!, no meio de tanto barulho, preocupações, já não aguento ouvir a palavra *crise*, parece que todos os espertos não sabem pronunciar outra coisa senão «crise mundial»! Os meios de comunicação, os governos, os amigos que entendem de economia estão preocupados! E agora e agora... por algum momento tenho a sensação que tudo vai acabar! Mas quando olho para a televisão e vejo os reclames para a compra de um vestido para assistir ao casamento da rainha em 50.000USD (cinquenta mil dólares) vejo que tudo é mentira! Porquê enganar os que sofrem?... No meio de todo este discurso continuamos a ver a cidade de Maputo com mais carros novos, novos edifícios, mega-projetos! E os pobres cada dia mais pobres! Usemos a prudência para identificar a *crise*. Crise de quê e para quê? Será que pelo meio, isso não é uma forma de enganar os que sofrem fome, injustiça e discriminação? Olhemos para as coisas grandes e ao mesmo tempo para as mais pequeninas e se formos inteligentes de certeza descobriremos que estamos num mundo confuso porque os mais confusos estão no poder.

Outro dia ouvia o pronunciamento de um deputado que, numa colocação, pronunciou o nome de Deus. Foi o suficiente para que toda a assembleia ficasse indignada por ele estar a falar coisas que não tinham sentido. Vivemos um grande contraste. As pes-

soas tornam-se máquinas e deixam-se levar. Repetimos o mesmo que fizeram a Jesus. Gritamos: Rei, Hossana, Crucifica-O, porque afinal não sabemos o que queremos. Mas Jesus Ressuscitou, venceu a morte e tornou-Se para sempre a Luz para aqueles que O querem.

A nossa vida é um grande mistério, o difícil é termos consciência disso. É Semana Santa, não param de entrar mensagens dos nossos Rapazes: de perdão, de paz, de amor, todas relacionadas com o mesmo — Paixão, morte e Ressurreição de Jesus! — O que aprenderam no dia-a-dia, mas que nem sempre puseram em prática.

Outros fazem-nos surpresas. Aparecem à nossa porta depois de percorrer caminhos tenebrosos.

Desta vez, o João Maria. Chegou a nossa Casa com 3 anos de idade, saía aos 15, pois sentia-se angustiado perante as suas próprias inquietações. Foi «à vida»!

Passado algum tempo, voltou, mais uma oportunidade, tentativa frustrada! Mais uma vez vai o João Maria pela vida em fora, o nosso coração fica a sofrer. Estudar não conseguiu, mas conseguiu um emprego. O trabalho, às segundas-feiras, era um dia difícil para João Maria, porque o fim-de-semana não era fácil, pois tinha que aproveitá-lo bem até altas horas da madrugada. Imaginem que com este comportamento não houve integração no mundo labo-

ral, foi despedido. Mais uma vez fica a peregrinar nas ruas e desta vez foi mais longe, juntou-se com um grupo e, como é de costume na nossa zona, quando um jovem é apanhado, os vizinhos espancam, amarram e se a polícia não chega a tempo, o seu destino é a morte cruel. João Maria teve sorte. A polícia acudiu a tempo. Foi para a cadeia. Passou um ano e, em Fevereiro, foi absolvido por bom comportamento. Voltou para a aldeia. Que difícil para ele, todos o olham com medo, este é um marginal, perdeu a confiança de todos que o conheciam.

Quinta-Feira Santa vem nos visitar, põe-se a trabalhar de tal modo que impressionou a todos quantos passaram pela nossa Casa, nestes dias, e no Domingo, ao fim do dia, para minha surpresa, aproxima-se e diz: «Mãe não tenho para onde ir», e a chorar começou a narrar a vida que levava e de como a sentia hoje! É triste mas é preciso esperar o momento da Graça.

Hoje tem 24 anos, não tem profissão, mas para quem quer, nunca é tarde para começar. A natureza ensina-nos a esperar. Quantos anos temos que esperar por uma árvore de chanfuta para que se transforme em madeira, portas, janelas e móveis? E a umbilica? E o sândalo? Se temos que respeitar que a natureza se transforme porque não sabemos respeitar o ser humano?

As tecnologias deixam-nos cegos. Que Jesus Ressuscitado abra os nossos corações e olhos para o respeito e o amor. □

PAÇO DE SOUSA

ANIMAIS — A nossa cadela «lua» regressou a Casa. Quando chegou, deparou-se com novos companheiros: «lua», «zara», «zidane» e «boby». Todos os fins-de-semana têm a visita de duas amigas da Casa, sendo uma delas veterinária, que nos ajudam no tratamento. A estas amigas o nosso muito obrigado.

LEITURA E ESCRITA — Tem aumentado o número de rapazes interessados pela leitura e pela escrita. Grande parte por influência de outros rapazes mais velhos. A preferência de leitura recai nos livros de Pai Américo, principalmente o *Cantinho dos Rapazes*.

COLISEU — Fazem-se os últimos ajustes na preparação da nossa Festa. Prometemos um dia diferente aos Amigos que estarão conosco no dia 21 de Maio, no Coliseu do Porto. Emoção não faltará. Desde já, um abraço para todos.

ESCOLA — Com o aproximar do fim do ano lectivo, fazem-se os últimos testes de avaliação de conhecimentos. Os rapazes do 9.º ano preparam-se para os exames nacionais de Matemática e Língua Portuguesa. Os do 11.º ano, para os de Física-Química e Geologia-Biologia; e o nosso rapaz, do 12.º ano do Curso de Comunicação Social — actualmente a estagiar na Rádio do concelho da Maia — para o exame de Língua Portuguesa.

PRIMÁRIA — Os nossos «Batatinhas» tiveram ensaios na Escola EB1 do Mosteiro, para cantarem animadamente na festa da Primavera, que se realizou no Largo do Mosteiro de Paço de Sousa no dia 7 de Maio.

DOMINGO — Aos Domingos, os nossos rapazes andam de bicicleta, aproveitando as avenidas da nossa Aldeia, sensibilizando-se para a forma física e a saúde.

RAPAZ NOVO — Chegou há pouco tempo. É o Francisco. Veio de Mação para a nossa Casa. Na nossa Aldeia tem

oportunidade de se formar e de se tornar um Homem.

É com amor, educação e família que um rapaz consegue ultrapassar os traumas da infância e alcançar objectivos com habilidade para enfrentar os problemas do «mundo lá de fora».

Por onde quer que o Gaiato passe, deixará o melhor que a Casa do Gaiato tem: Educação, gosto pela vida e pelo trabalho, dignidade e humildade.

José Reis

DESPORTO — Depois de termos feito uma pequena paragem, este fim-de-semana, foi a vez de recebermos os Juniores do F. C. Alpendurada, da A. F. Porto. Um jogo que decorreu com a maior normalidade, apesar de não ter sido uma boa partida de futebol. Mesmo assim, com golos de André «Garnisé» (2), Erickson (1) e Ricardo Sérgio (1) contra um do Alpendurada, conseguimos somar a vigésima nona vitória da época. Deste jogo, apenas queremos salientar a postura, a humildade e a classe do Francisco. Um Rapaz que consegue fazer 90 minutos, sem fazer comentários a qualquer falhanço dos seus colegas. Concentra-se no jogo e, tudo o resto lhe passa ao lado. Que bom seria se todos assim fizessem!

Quinze dias depois, recebemos os Juniores do Sporting Clube da Cruz, também da A. F. Porto. Entramos a «dormir» e, acabamos o jogo ainda meios «estremunhados». É uma pena!

CANTINHO DE FAMÍLIA

Luísa («Rapazinho»)

«Conheci-o desde sempre. Fiel seguidor do mestre, Pai Américo, homem forte, sábio e verdadeiro.

Quando nos cruzávamos, cumprimentava-me com um carinhoso ‘Olá, meu rapazinho’ — como ele dizia... Agora, mulher, esposa e mãe, era igual!

Vou sentir saudade!

Padre Carlos adormeceu para sempre no Senhor. Encontrou a Paz e o Descanso merecidos.

Lá, interceda pelos padres da Casa, que lhes dê força e ânimo na árdua tarefa de educar e preparar esta grande Família, levando a bom porto a Obra da Rua.

Por nós também, que o respeitamos e tanto admiramos!

Até um dia, Padre Carlos» □

SETÚBAL

Padre Acílio

A vida com as suas necessidades marca o projecto educativo por que nos norteamos.

Um mês, fora de Casa, é muito tempo para uma comunidade de setenta rapazes.

A presença do padre é um valor inquestionável, mas a sua ausência veio também tornar claro, que uma Casa do Gaiato é uma obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

Ao chegar e ver a vida toda a correr com a normalidade habitual é um tónico inexprimível.

Uma Casa do Gaiato ou é uma obra assim ou então não é Casa do Gaiato. Não me venham dar nomes a coisas que não têm nada a ver com a pedagogia do Padre Américo, onde os rapazes, segundo informações fidedignas vivem totalmente alheios à vida da casa, sem qualquer actividade que não seja o estudo. Uma men-

tira, uma aldrabice e uma forma de arranjar dinheiro sob a tutela de um nome que devia merecer respeito. Não me admira que haja grupos em feiras ou ajuntamentos religiosos a fazer peditórios para a Casa do Gaiato, quando gente que devia ter em conta o sagrado desta realidade faz o mesmo com aldrabices desta natureza.

Os rapazes me deram conta dos acontecimentos bons e dos maus comportamentos, dos elogios e dos castigos, da colaboração e do egoísmo, mas tudo resolvido por eles e sujeito ao meu juízo.

A quinta uma beleza, os animais um encanto, os pequeninos uma alegria, a casa um recanto de felicidade. Peço aos rapazes que escrevam para o jornal. O jornal é nosso. É deles e quase só a nossa única receita. Já dobramos a venda, mas ela tem de chegar ao nível de outros tempos: 4 000.

Neste meu retiro hospitalar, verifiquei realidades que devem de ser evidenciadas:

A excelência do pessoal: enfermagem, que com o corpo clínico os meus contactos foram poucos apesar de sempre admiráveis. Faço comparação com o tempo em que, em 1982, passei por experiência semelhante noutro hospital agora desactivado.

Respirava-se um clima de guerra política e os doentes eram as vítimas, não dos médicos, mas sobretudo do pessoal auxiliar e da enfermagem. Como achei agora diferença. O doente é o centro de todo o trabalho hospitalar. Vê-se. Sente-se. Daqui a grande diferença e a alegria de ver naquele hospital um ambiente verdadeiramente humano. Dei graças a Deus por isso, que também fui objecto desta melhoria humana e do carinho de Deus que me veio pelas mãos e pela atenção de tão maravilhoso serviço. Sente-se que está lá ainda uma congregação religiosa. □

MANIFESTAÇÕES DE PESAR

Criaditas dos Pobres

«Foi com saudade que recebemos a notícia do falecimento do senhor Padre Carlos. Há sempre uma sensação de surpresa quando nos dizem que morreu alguém próximo e querido. E, no entanto, esta passagem é o que temos de mais certo!

Ter partido no dia do Sacerdócio foi comentado por nós como muito significativo. São “mimos” de Deus estes sinais que nos firmam na fé d’Aquele que nos tem como “menina dos Seus olhos”... E, embora não tivéssemos tido conhecimento senão na Sexta-Feira Santa, à noite, a despedida do Padre Carlos ajudou-nos também a aprofundar o Mistério da Paixão. Morte e Ressurreição que agora vivemos.

Aproveito para lhe manifestar, e a todos os Padre da Rua, a nossa muita gratidão por tudo o que, não só pelas mãos do Padre Carlos, mas pelas de todos vós, com tanta amizade, vimos a receber desde o princípio.

Sabemos que atribuímos a glória a Quem de direito — “Não a nós, senhor, não a nós, mas ao Vosso nome dai glória” — mas a glória dos pais envolve os filhos, a todos nós nos sentimos honrados com o bem que passa pela mão dos irmãos...

Bem-haja! Que Deus vos cumule daquilo que só Ele sabe que é Bom!

Com a muita amizade de todas as Criaditas dos Pobres, um afectuoso abraço da vossa,

Irmã Maria de Fátima.»

Sociedade S. Vicente de Paulo

«Padre Carlos como carinhosamente o tratávamos. Padre Carlos Galamba, ou Padre Carlos do Gaiato, como era conhecido, deixou o nosso convívio na terra no passado dia 22 de Abril, após galopante e impiedosa doença.

Conheci-o numa das tradicionais festas dos Gaiatos no Coliseu do Porto, nos finais dos anos 60, princípios dos anos 70 e dele gravei até hoje a imagem de um pai com um dos seus mais pequeninos ao colo: um dos “batatinhas” de então. Por ele conheci o Padre Américo, cuja Obra ao serviço dos mais frágeis me apaixonou, aprofundando essa ligação na leitura dos vastos escritos que o Fundador da Obra da Rua nos legou.

Cruzamo-nos anos mais tarde nas reuniões dos Movimentos e Obras da Diocese, convergindo ambos nos mesmos objectivos, pois animava-nos o mesmo propósito de serviço, embora Padre Carlos, na condição de mestre e nós na outra de aprendiz.

Granjeamos reciprocamente a amizade que muito me aprouve. Vi sempre em Padre Carlos um conselheiro de rara sensibilidade, no trato com os mais pobres e mais tarde senti-o como aliado nas lides em que me empenhei, no serviço vicentino e aos mais pobres também.

Sendo uma referência que muito prezei, ouvi-o frequentemente quando tive que tomar importantes decisões. Foi a advertência no momento certo e o estímulo galvanizador quando as circunstâncias o impuseram.

Conversamos bastante sobre o nosso país, sobre a Igreja em Portugal e sobretudo sobre os pobres e sobre o Padre Américo também. Senti quanto apreciava as Conferências Vicentinas e quanto delas esperava, para que mais e mais pobres fossem atendidos. Na mesma dimensão do Padre Américo, estimulava com a sua presença, palavra e gestos, o funcionamento da vida vicentina na Diocese do Porto e fora dela.

Estimulou-nos como ninguém na construção da Casa Ozanam, Obra que os Vicentinos estão a levar a cabo em S. João de Ver, Santa Maria da Feira, para serviço dos mais pobres. A ele devemos a orientação que desde a primeira hora norteou esta iniciativa dos Vicentinos do Porto.

Foi pois um amigo e um conselheiro que nos deixou. Partiu de mãos cheias e de coração a transbordar, ao encontro do Senhor da Vida, que serviu como Sacerdote exemplar. Agora, porque muito amou e serviu, experimenta a recompensa dos eleitos: “Vinde benditos de Meu Pai, porque tive fome, sede, frio e estive só e tu Me acolheste”. Padre Carlos está pois no lugar que merece e lhe estava reservado. Intercederá muito melhor junto do Pai pela obra que deixou na terra, pela Sociedade de S. Vicente de Paulo e cada uma das suas Conferências, que tanto acarinhou e estimulou e por todos nós, para que, seguindo o seu exemplo, façamos a vontade do Mestre, sirvamos fraternalmente com esperança, na alegria do Ressuscitado, valorizando a vida que o Padre Carlos soube receber e transmitir abundantemente.

Manuel Carvas Guedes»

Muito Obrigada Padre Carlos

EM meia dúzia de palavras queremos testemunhar a Amizade, a Alegria, a Simplicidade, a Fidelidade que víamos e sentíamos no Padre Carlos, quando nos falava dos seus Rapazes e dos filhos destes a quem ele considerava como netos. Foi um dedicado servidor da Obra da Rua, inspirada e concretizada por Padre Américo e mais tarde dirigida por ele, ao longo de várias dezenas de anos. Viveu este Projecto com a mesma frescura de alma, a mesma disponibilidade para os seus Rapazes, o mesmo entusiasmo como se fosse o dia da sua Ordenação, ou o seu primeiro dia em que se entregava, de uma forma radical, à Obra. Muito nos ensinou!

Homem de bom gosto e de lúcida inteligência, criou connosco uma amiga parceria, trocando impressões sadias sobre assuntos que vinham a propósito, enquanto almoçávamos. Sentimos a falta destas suas vindas a nossa casa em que desfrutávamos não só da refeição partilhada como da sua excelente companhia e sábias palavras.

Falo no plural, porque toda esta vivência existiu no seio da minha família, com marido e filhos.

Muito Obrigada Padre Carlos pelas memórias de Fé e Caridade que nos deixou.

Maria Manuela Lopes-Cardoso

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo



ARRANJOS — Foi necessário fechar a parte superior da estremeira, aplicando uma porta rústica. O velho reservatório de gásóleo de aquecimento, que se encontrava na casa das máquinas, foi retirado. Colocaram-se novas protecções exteriores nas salas do rés-do-chão do edifício a nascente, e protecções interiores nas divisões da cave.

FESTA NO PORTO — A maioria dos Rapazes tem ensaiado a participação da nossa Casa do Gaiato no espectáculo no Coliseu do Porto, organizado pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa, sob a responsabilidade do Sr. Padre Júlio. Especialmente os

nossos mais pequenos deliram com esta actividade e são orientados pelos Professores Paulo e Paula, depois do estudo. Vai ser uma festa interessante e um bom encontro de união da Família da Obra da Rua. O Sr. Padre Carlos gostava muito que os Rapazes se apresentassem em palco, dando um ar da sua graça. Nessa próxima tarde de Sábado, 21 de Maio, pelas 16.00h, que os nossos Amigos não faltem, até porque esta tradição vem do tempo do nosso Pai Américo!

AGROPECUÁRIA — Como é normal nesta época do ano, as temperaturas têm subido, o que fez aumentar a floração. Deste modo, os cravos, as

roseiras, vários arbustos, tílias, laranjeiras e oliveiras, entre outras plantas, apresentam muitas flores com perfumes agradáveis. O pomar teve de ser fresado, para limpar ervas daninhas. As nespereiras têm muitos frutos e alguns Rapazes são tentados a comê-los da árvore... Nos campos de milho e de batata foi aplicado herbicida. No armazém de palha (de aveia), restam poucos fardos. Nos terrenos onde foi semeado este cereal, o crescimento tem sido suficiente, para o próximo enfardamento. Uma vez que, nas nossas matas, as árvores estão crescidas e sujeitas às pragas e aos incêndios, foi preciso abatê-las; e aproveitar para reforçar alguns marcos com a sigla CG (Casa do Gaiato). □

João Paulo II, como o Bom Pastor!

Continuação da página 1

e a sua dignidade estavam em causa, aí a sua palavra enérgica e os seus gestos de Pai e de irmão. Dão testemunho disso também o modo original como acarinhava as crianças, acolhia os idosos e os doentes. Não se furtava às manifestações dos “favelados” do Brasil nem afastava os “sidosos” que lhe estendiam as mãos e abriam o coração, quebrando protocolos e barreiras de segurança. Como no tempo de Jesus, as multidões procuravam tocá-lo: “saía dele uma força que a todos curava”. Realizava-se assim o mote do seu ponti-

ficado: «O Homem é o caminho da Igreja e Cristo é o caminho do Homem...». Que eloquente foi a sua visita a Cuba; inesquecível a ternura manifestada por Fidel e as mudanças de regime a partir daí verificadas. João Paulo II manifestou a beleza de uma Igreja desprovida de poder. Foi aí que ele mais convenceu; quanto mais idoso e fragilizado, mais temido e incómodo.

Quanto lhe devem as religiões e os poderes do mundo! Quanto lhe devemos estar agradecidos, a ele e a Deus que no-lo colocou no nosso caminho neste tempo que Deus nos concedeu

viver. João Paulo II foi um dom de Deus à Igreja e à humanidade. Abriu clareiras de luz que vão ficar por muito tempo!

Como o Bom Pastor, João Paulo II não pode deixar de galvanizar a juventude — idade das grandes escolhas da vida — para a vocação como resposta ao apelo de Deus a construir a “civilização do amor”.

Maria, a Mãe que sempre foi a sua: “Totus tuus”, não deixará de velar carinhosamente pela Humanidade que João Paulo II não se cansou de procurar sempre colocar nos seus braços maternais.

Padre João

BENGUELA

Padre Manuel António

Partilha

A Festa da Páscoa passou. A memória do Senhor Padre Carlos esteve muito viva na Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus. Está com Ele, junto do Pai, assim acreditamos. No ambiente pascal, de muita alegria, celebrámos o sacramento do Baptismo dum grupo de filhos da nossa Casa, há muito tempo esperado. De igual modo, a primeira comunhão doutro grupo. Foi uma nota marcante na vida destas crianças e adolescentes. Quem dera seja uma ajuda preciosa no seu crescimento equilibrado! A dimensão religiosa do projecto educativo de Pai Américo, nas Casas do Gaiato, acompanha as outras dimensões humanas substanciais. O homem integral não se realiza à margem da sua vocação transcendente. Pobre ser humano cuja vida acaba, em definitivo, num buraco! A Páscoa cristã é a razão de ser de toda a esperança que deve encher o coração de todos! Que sentido tem a vida humana sem a esperança da Ressurreição? Partilho convosco esta verdade grande que enche o meu ser.

Dezenas e dezenas de famílias receberam ajuda necessária. Doutró modo, ficaríamos no sepulcro da

fome. A partilha dos bens é uma fonte de felicidade. Só a experiência demonstra esta verdade. Recebemos, há dias, uma carta muito amiga com o eco dos problemas e necessidades que afligem a nossa vida. Recorda as inúmeras situações problemáticas no que respeita «à recuperação de crianças e jovens, emprego, habitação, agricultura, para além de muitos outros factores». E continua: «Venho pedir que nunca vos falte a coragem para essa missão tão sublime, no prosseguimento da Obra Grandiosa, nascida no coração de Pai Américo». E, descendo a um ou outro pormenor, fala na esperança da aquisição do tractor, tão necessário para o cultivo das terras e o aumento dos bens alimentares. Faz acompanhar as suas palavras com uma ajuda monetária de mil euros, em cheque. São migalhas de ouro. Quem dera abundassem cada vez mais estas ajudas e outras, porventura maiores, para a solução de problemas verdadeiramente aflitivos. Continuamos a viver na esperança. Ainda não foi cumprida a promessa do montante necessário para a recuperação das nossas resi-

dências dos rapazes, em situação muito degradada. O amor, quanto mais provado, é mais fecundo. Hoje, telefonei a um agricultor muito amigo a pedir o seu tractor para a preparação das nossas terras, nesta época de sementeiras. A resposta foi tão pronta e positiva que, amanhã, de manhã, a máquina estará ao nosso serviço.

A falta de emprego para um numeroso grupo de rapazes continua a ser uma das nossas grandes aflições. É, na verdade, difícil encontrar o emprego estável. De contrário, podem ir trabalhar, por algum tempo, mas regressam, depois, a bater à porta com as mesmas aflições. São problemas familiares que partilho convosco, como membros da família alargada, fora das portas da Casa do Gaiato. Mas o coração está dentro. A resposta positiva virá, em breve, assim esperamos. Deste modo, os filhos abandonados que vivem à espera da sua hora de nascer na Casa do Gaiato, terão o seu berço preparado.

O Pedro, jovem integrado no grupo de *Leigos para o Desenvolvimento*, tem sido uma pedra preciosa na formação dum grupo de rapazes, na Casa do Gaiato. É um Voluntário que decidiu dar uma parte da sua vida ao serviço do Desenvolvimento Social, onde é muito necessário. A nossa gratidão! Que o seu exemplo frutifique sempre mais! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

POUCOS amigos souberam da operação cirúrgica a que me devia submeter, e, há anos, esperada. De repente sou chamado a um hospital de Lisboa onde estive internado um mês certinho, de 6 de Abril a 6 de Maio. Não devo falar de mim nem da minha operação. São assuntos com Deus, mas sinto-me melhor e com mais esperança.

O Património, apesar de silenciado no jornal, não esteve parado. Os rapazes e as senhoras deram-lhe continuidade. Os pobres vieram à nossa casa, todos os dias, buscar comida e, na sexta-feira marcada, juntaram-se oitenta e seis famílias.

Todos levaram os sacos cheios; mercearia, fruta, roupa, calçado e mobílias. Uma autêntica multiplicação de pães, tantas vezes renovada, maravilhando os nossos olhos com a luz do Espírito de Jesus.

São provas concretas; manifestações visíveis!...

Mas o que mais me surpreendeu foi que os rapazes não deixaram de ir buscar mobílias a quem as oferecia e levarem-nas; eles próprios, aos pobres. No Sábado passado, eram cinco da tarde e vejo chegar a nossa camioneta com quatro rapazes de 18, 20 e 28 anos.

De onde vinham — perguntei eu.

«*Fomos desmontar uma mobília a uma casa, carregamo-la e tornamos a monta-la numa família muito pobre. Não calcula como ficaram contentes?!*»

E eu?! Rejubilei. Parecia-me ouvir S. Pedro na praça pública de Jerusalém a anunciar a Ressurreição de Jesus.

Aquela hora, sem almoço, num Sábado à tarde, rapazes daquela idade, sem qualquer incentivo que não fosse o amor aos pobres, empenharem-se desta maneira, onde é que se encontram?

Este foi um dos exemplos que encontrei, mas as senhoras e os rapazes, fizeram-me relato de iniciativas semelhantes. «*Você foi-se, mas os rapazes e nós, continuamos, como se cá estivesse.*»

Contaram-me com desgosto, há dias, que numa celebração de vigília pascal os adultos baptizando não se calaram durante toda a celebração, mesmo avisados pelos cristãos sofridos, ninguém os sossegou. Foi uma tagarelice do princípio ao fim da vigília pascal e até durante a celebração do próprio baptismo! Uma vergonha!

A catequese não pode ser uma simples tradição de conhecimentos, mas uma comunhão de vida autêntica!

Em nossa casa há catequese para todos, mas o que lhes enche mais a alma é sempre a comunhão de vida!...

«*Não calcula como ficaram contentes!*» Era o ressoar da alma deles, pelo bem feito por Amor de Deus.

Hoje no segredo de mim próprio, comprei uma casa para a família do «*não temos ríesse (IRS) nem fiador*», por 30.000€.

Foi só no íntimo do meu coração que não me posso movimentar e terei de viver imobilizado, pelo menos, mais um mês. Uma casa tem de ser vista. Há muito pormenores a analisar, mas eu sinto que aqueles pobres já têm casa.

Vem comigo e participa «*desta radiosa juventude da alma*». □

SINAIS

Padre Telmo

APARECEU, hoje, o Fernando com uma vela para colocar na campa do Senhor Padre Carlos. Disse-lhe que a colocasse na campa do Padre Américo e que a vela se consumiria em memória do Padre Carlos, pelo seu gesto amoroso e que ele não tinha campa. Suas cinzas repousam na primeira campa, rasa, de Pai Américo, no velho cemitério de Paço de Sousa.

Foi uma partida tão repentina... muitos dos seus filhos nem sequer se aperceberam. Foi ao seu jeito, directo e atento ao essencial.

Também fiquei confuso, embora continue a rezar por ele... mais me apetece pedir-lhe que peça ao Senhor por nós, para que sejamos humildes e unidos e que a Obra continue — como ele expressou na sua agonia.

Sei que está no Céu. O Senhor ouvirá a sua prece.

Louvor à Mãe

(no mês da Mãe)

Mãe!
Onde está o teu silêncio
Que falava
E, de mansinho,
Edificava,
Dentro de mim, o Mundo?!

Os teus cabelos brancos,
As rugas na tua cara,
Os teus olhos profundos —
Tão fundos como o mar —
O teu amor...
Uma onda, outra e outra
A rebentar
Na minha praia!

E agora só me parece
Que as outras ondas
Se esfrangalham no ar!

Quando eu dormir,
Vem, mãezinha, acordar,
Em mim,
A tua imagem e faz-me sonhar:
Com teu sorrir
Com tuas falas
Com teu olhar
Que sou pequeno
E tu me embalas,
No berço da minha infância!!!

O teu silêncio impõe silêncio
[às coisas
Para que nada me possa acordar.
Minha mãe... □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

HOJE fui com Padre Telmo e Padre João almoçar a casa do «Quim Peroselo», um dos rapazes fundadores da Casa de Malanje. Em Casa vive-se paz e amor. Pelo caminho observava. prédios mimosos, ruas asfaltadas e limpas, embora tortuosas conforme o limite das propriedades. Não houve régua nem compasso para as traçar. Não há lombas nem sinais, porque todos os vizinhos se conhecem e respeitam. Quintais cheios de mimos e flores por todos os lados. Uma verdadeira fantasia para quem vive em África. Poderia dizer uma utopia. E não é que os prédios sejam de gente abastada, mas de quem viveu ou vive do seu salário, e aqui pelas Aldeias foi levantando o melhor que pôde uma casa digna para morar com seus filhos. Com o sol da primavera, tudo tem brilho e encanto. Parece que o homem fez da terra o céu; ou que Cristo já desceu para renovar todas as coisas. Tudo é luz e beleza. Tudo é pujante. Os renovos das vinhas, dos pinheiros e de todas as plantas com que a gente das Aldeias rodeia as suas habitações.

O contraste com África é indescritível. Não há ruas nem estradas, não há flores e os poucos jardins sobrevivem dificilmente ao desprezo. Não há estradas e muito menos auto-estradas com carros modernos e velozes a circular nelas. Fora da espinha rodoviária principal de norte a sul de Moçambique há centenas de milhares de quilómetros de picadas, muitas com pontes de madeira ou sem elas. Não se vêem casas airosas, muito menos capazes para quem lá mora. Há milhares de pessoas e crianças deslocando-se a pé para a escola ou ao trabalho. Há pelas Aldeias, ou dispersas, palhotas muito precárias, que a chuva, os ventos e sobretudo as formigas em poucos anos destroem. São tão precárias como a vida de quem lá mora. Há a beleza agreste da natu-

reza e da fauna selvagem que é mais protegida que os que há séculos se habituaram a conviver com os animais. Agora para vender a ideia de um paraíso natural aos turistas do mundo, cansados das belezas das suas terras, até as próprias populações são escoraçadas e ficam esquecidas de promessa de casa. Parece que alguém teve a ideia de chamar Aldeias do Milénium. Mas quantas terão sido feitas e em que condições, se escolas e postos de saúde são inaugurados e estão em perigo de ruir! É verdadeiramente um mundo onde ainda não há luz, dignidade, auto-estima, responsabilidade, respeito pelos outros, semelhantes em tudo menos no ter.

O que mais me assusta porém é o endeusamento que certas pessoas procuram fazer de si. É o incremento das fortunas, a cultura do “visual”, o andar nas revistas, e há delas feitas apenas para dar

realce à “sociality” local. Há coisas de outro mundo como eventos e outros acontecimentos que têm nome inglês, fora as grandes reuniões para assinar acordos e parcerias que põem muita gente agitada, para não dizer em bicos de pés, interessada em fazer parte dos projectos que se seguem. Se é que seguem porque tantos que foram aqui anunciados pelo Governo de Portugal e ficaram apenas como uma boa intenção.

Somos uma gota, quase sem expressão, no mobilizar as capacidades que este nosso Povo das Aldeias possui. Este ano mais cinco completaram a licenciatura. Estavam perdidos como tantos milhares que não têm oportunidade, nem uma mão que estimule. Que incalculável valia os nossos amigos estão a criar. Eles são fermento ainda. Que Deus acompanhe quem ajuda e quem trabalha. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Mesmo em escolaridade obrigatória, timorato, aquele filho não tem frequentado a Escola. A pessoa humana, e quanto mais débil, é o caminho da Igreja. Nestes dias, desse encontro próximo, ressoaram em nós palavras memoráveis de João Paulo II: *Não tenhais medo!*

Se quer arriscar, esse rapazito poderá deixar a margem do seu rio e tentar crescer com montanhas à vista, nesta Família, para as margens da sociedade; pois, olhando para o Alto, fazemo-nos mais humanos. Na grandeza da fragilidade da pessoa humana surge o rosto amoroso de Deus. Amigos de Cristo, vivo, somos grandes, aqui e agora, nesta vida!

Não havendo projecto de vida, local, têm insistido que lhe seja dada uma oportunidade para mudar de vida, sem deixar a ligação afectiva, parental. Será um remendo em pano roto, que poderá reconstituir esse tecido humano e aumentar a sua auto-estima.

Se for essa a melhor opção, seguiremos o enquadramento legal, como tem sido habitual e que o poderá trazer, a curto prazo, como um pequeno sinal de que continuamos a ser fermento para os gentios. Quando somos fracos, então é que somos fortes. Que ele não tenha medo de se fazer homem.

Bom Pastor, pão da verdade, que nos dais comida e também o pão da vida, extingui a nossa orfandade! □